

ESTUDO DE AVALIAÇÃO EXTERNA
RELATIVO AO PROJECTO
“PRÓ-LOCAL – FORMAR DESENVOLVENDO”

Elaborado por:

Manuela Terrasêca
Alexandra Sá Costa

Porto
Janeiro de 2005

ÍNDICE

○ INTRODUÇÃO	3
○ CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJECTO “PRÓ-LOCAL – FORMAR DESENVOLVENDO” ...	4
○ Modo de estruturação do Projecto	7
○ CONCEPÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJECTO “PRÓ-LOCAL – FORMAR DESENVOLVENDO”	8
○ As Acções Não Formativas	9
○ As Acções Formativas	11
○ ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJECTO “PRÓ-LOCAL – FORMAR DESENVOLVENDO”	14
○ Desenvolvimento endógeno e estabelecimento de parcerias locais	14
○ Desenvolvimento Local como campo de práticas de Educação de Adultos	22
○ PONTOS FORTES E FRACOS DO PROJECTO “PRÓ-LOCAL – FORMAR DESENVOLVENDO”	25
○ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

O trabalho de avaliação externa do Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” realiza-se numa ocasião em que o Projecto está já em franco desenvolvimento. Esta contingência, afectando o modo como a avaliação se desenvolve, não lhe retira algumas das características atribuíveis ao tipo de avaliação que esta equipa defende. De facto, a existência de documentos que genericamente são previsíveis em projectos submetidos a candidaturas a financiamentos e que paralelamente assumem um determinado grau de formalização, é acompanhada, no Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo”, de uma quantidade apreciável de relatórios elaborados ao longo do desenvolvimento do Projecto, apresentando uma panorâmica relativamente detalhada dos debates que foram sendo desenvolvidos pelos diversos intervenientes, bem como do modo como se foi desenrolando todo o processo de acompanhamento, por parte da equipa de coordenação, do trabalho no terreno.

Deste modo, a avaliação que desenvolvemos, assentando, fundamentalmente, na análise documental, beneficia da diversidade e riqueza dos documentos produzidos no decurso do desenvolvimento do projecto, pelo que este estudo de avaliação não teve de se confinar a simples procedimentos de verificação de conformidade entre um conjunto de objectivos pré-determinados e as características dos produtos do Projecto identificados enquanto tal. De facto, a avaliação procura dar conta das lógicas subjacentes às acções educativas desenvolvidas, problematizando o sentido dessas intervenções e interpretando os modos como elas ocorreram não como conjuntos de sucessos ou de lacunas, mas enquanto oportunidades de questionamento das práticas, das suas razões fundadoras. Assim, tal como era

desejo da equipa de coordenação do Projecto, ainda que o desígnio de uma avaliação desenvolvida sob a figura interpeladora do acompanhamento, não tenha sido cumprido, a avaliação não prescinde de se constituir num processo formativo, porque problematizador do modo como decorreu o projecto nos seus modos de implementação, e propiciador de aprendizagens estruturadoras dos sentidos de novas intervenções. É assim que podemos afirmar que o trabalho de avaliação que agora se apresenta é crítico e tem uma intenção eminentemente formativa.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJECTO "PRÓ-LOCAL – FORMAR DESENVOLVENDO"

O Projecto "Pró Local – Formar Desenvolvendo" é uma iniciativa do *Instituto das Comunidades Educativas (ICE)*, associação de utilidade pública sem fins lucrativos, de âmbito nacional que, desde 1992, tem vindo a desenvolver iniciativas e projectos de intervenção, promovendo o envolvimento de agentes diversos e o alicerçar de parcerias, numa perspectiva de entendimento dos diversos projectos de desenvolvimento como contributos para a recriação das comunidades, pelo "estabelecimento de redes de relações densas qualificantes dos indivíduos e das comunidades" Correia e Caramelo, 1998). O percurso do ICE tem vindo a consubstanciar-se numa intervenção em quatro níveis: a) criação de pólos de desenvolvimento que reconfigurem o local; b) re-animação de recursos que originem, ao nível das comunidades locais, bem-estar e qualidade de vida; c) estruturação de redes de cooperação que promovam a articulação interinstitucional; d) combate à exclusão social.

Este trabalho que tem vindo a ser desenvolvido no campo da animação sócio-cultural e da educação de adultos, permite evidenciar a ideia de que

“projectos assentes na problemática do local e construídos em interacção com a comunidade e os seus agentes educativos induzem um crescente envolvimento e mobilização destes e uma crescente co-responsabilização na construção de soluções sustentadas” (In “Fundamentação do Projecto Pró Local – Formar Desenvolvendo”). Permite, também, evidenciar que a existência de uma malha de parcerias proporciona as condições para que se possa avançar com uma proposta de intervenção de novo tipo, isto é, “uma intervenção multidimensional, que consiga fundir num processo único a «ênfase em processos de desenvolvimento de proximidade, marcados pelo seu carácter global, integrado e endógeno» com a animação sócio-cultural e a aprendizagem da cidadania” (*ibidem*).

Deste modo, ao longo da sua intervenção o ICE procurou “investir em presentes alternativos numa perspectiva de (re)criação social” (*ibidem*) e, através da rede de projectos locais, foi-se desenhando a “necessidade de produzir um trabalho de animação comunitária que (...) promovesse e estimulasse a participação das pessoas no processo de desenvolvimento da sua própria comunidade”. É precisamente com este intuito que o “Pró Local – Formar Desenvolvendo” é conceptualizado como um projecto de formação e de animação comunitária contemplando a realização de acções formativas e não formativas, abrangendo uma Zona de Intervenção correspondente às onze freguesias do Concelho de Santiago do Cacém, pertencente à Sub Região do Alentejo Litoral.

De acordo com o texto da candidatura do projecto, são seus objectivos globais: “identificar e promover alternativas de desenvolvimento que recriem a vontade de futuro e dinâmicas de empowerment das comunidades, contribuindo para a construção de novas competitividades, a identificação de direitos e o exercício de cidadania no local; contribuir para a definição de uma política global de desenvolvimento educativo, social e cultural criando condições de desenvolvimento pessoal e social”. Estes objectivos são influenciados, não só pelos discursos teóricos provenientes do campo das

Ciências da Educação, quando apelam a uma cultura de participação e ao direito ao exercício de cidadania e da produção da própria vida, mas também são subsidiários dos modos como o ICE pensa o local e perspectiva o seu desenvolvimento. Assim, os conceptores do projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo”, apostam no revivificar das potencialidades do interior e das suas populações, rejeitando conformar-se com a ideia de que os problemas de desenvolvimento são problemas exclusivos do interior e do rural e de que a sua superação passa pela reprodução dos modelos de desenvolvimento das metrópoles urbanas. Não obstante, o enunciado destes objectivos tem de ser lido tendo por pano de fundo a caracterização que os promotores deste projecto fazem do território físico e social onde ele se desenvolve: “apresenta características de um mundo rural em crise, desertificado e em acentuada desestruturação. A asfixia e o abandono das actividades agrícolas, o ruir de velhas esperanças e a persistência de fundas assimetrias, fazem do mundo rural um espaço deprimido, por onde cresce o desemprego, visível e oculto, e onde o assistencialismo estatal ganha terreno, assegurando alguns proventos e subsistências. (...) A população situada na faixa etária dos 0 aos 24 anos representa 27,2% do total, enquanto que a população com mais de 65 representa 20,2% (...) o nível de escolarização é baixo onde 15,1% da população não atingiu nenhum nível de ensino (...)” (*In* Fundamentação do Projecto – Caracterização da zona de abrangência do projecto). Esta caracterização que, como destacaremos adiante, não vai influenciar o modo como o desenvolvimento do projecto perspectiva os seus parceiros, decorre, em parte, da necessidade de ela se apresentar numa relativa submissão às imposições legais, marcadas por uma elevada formatação e formalização das candidaturas. Assinale-se que a perspectiva a partir da qual se encara o trabalho neste ambiente físico e humano, defende uma pedagogia do superavit por contraponto à do deficit, e a abordagem da realidade recriando-a e recriando a relação dos interventores com ela, assumindo os obstáculos como recursos estratégicos e pertinentes da intervenção. (D’Espiney, 2004).

Para além desta caracterização que realça as dificuldades e a situação de crise do território, entendido em sentido amplo, são também enunciados recursos existentes e estruturas disponíveis (saneamento básico, electricidade, água canalizada, telefones, serviços de apoio à infância e terceira idade...) mas a carecerem de dinamização, que também se constitui, em si mesma um problema: “Falta a iniciativa, a dinâmica e o sentido de pertença a uma comunidade e a um território” (*In* Fundamentação do Projecto – Caracterização da zona de abrangência do projecto).

Modo de estruturação do projecto

Do ponto de vista da sua estrutura, o Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” organiza-se em diversos tipos de acções, formativas e não-formativas, não se tendo desenvolvido todas as não-formativas pois que nem todas foram objecto de financiamento. As acções formativas consistem na organização de um curso de Animadores/Mediadores Comunitários e de um seminário mensal relativo à Formação e Qualificação de Agentes de Desenvolvimento. As acções não-formativas correspondem, basicamente, a dois tipos, contemplando um a “Promoção da participação e da acção Comunitária” e o outro a “Melhoria das competências pessoais e sociais”, fazendo parte, inicialmente, deste último as acções não realizadas por não financiadas e que tinham como população-alvo privilegiada a população mais jovem e a mais idosa. O desenvolvimento global do Projecto vem na sequência de trabalhos que desde há diversos anos o ICE tem vindo a promover, no sentido de uma intervenção local já enraizada e articulada entre si: o projecto “Escolas Rurais – de Obstáculo a Recurso”, o projecto “Investigar para aprender”, o projecto de intervenção precoce da infância “Antes que seja Tarde e o projecto “Quinta da Educação e Ambiente da Lagoa de Santo André”.

Deste modo, o tipo de intervenção previsto, sofreu alterações impostas pelo não financiamento de algumas das acções previstas. Esta não realização, não chegando a retirar unidade ao Projecto, inibiu, todavia, a realização plena

de actividades pertinentes para aquele contexto socio-cultural, sobretudo na perspectiva de criar e de reforçar o estabelecimento de redes de parcerias.

CONCEPÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJECTO “PRÓ-LOCAL – FORMAR DESENVOLVENDO”

De acordo com as concepções de desenvolvimento local subscritas pelo ICE, com a contextualização física e social do território e com os objectivos enunciados, o Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” operacionaliza-se em torno da intenção de “Criar/Recriar redes locais solidárias dotadas de capacidade de produção de alternativas” (*in* Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo”). Para tal, e como já foi realçado, a intervenção é pensada em torno de dois tipos de acções, denominadas como *Acções Não Formativas* e *Acções Formativas*, que evidenciam uma lógica de intervenção que assenta nos pressupostos defendidos pelo ICE no que respeita à articulação entre educação e desenvolvimento local, nomeadamente, a ideia de que esta articulação não pode ser vista enquanto uma “relação de causalidade linear, em que a qualificação (por via escolar) de recursos humanos constituiria um requisito prévio, necessário e suficiente, para desencadear processos de desenvolvimento.” (Canário, 1999: 64). O que distingue aqueles dois modos de intervenção não é, como a sua designação poderia levar a pensar, o carácter formativo de um por contraponto ao carácter não formativo do outro, mas sim, a existência de uma intencionalidade educativa assumida nas *Acções Formativas* por via da sua estruturação enquanto educação formal. Já as *Acções Não Formativas*, apesar de não assumirem, formalmente, o seu carácter educativo – por não se estruturarem enquanto acções de educação formal –, consubstanciam-se também em acções educativas, ao nível não-formal e informal. Estamos, portanto, perante um projecto que constrói a noção de

desenvolvimento local através da noção de globalização da acção educativa, ou seja, assumindo que a relação entre educação e desenvolvimento se estabelece através de situações de interacção entre diversas modalidades de aprendizagem e diferentes níveis de formalização da acção educativa e, assim, concebendo o processo de desenvolvimento enquanto processo formativo.

As Acções Não Formativas

Tal como acima foi dito, o Projecto foi concebido na articulação entre *Acções Não Formativas* e *Acções Formativas*, sendo as primeiras entendidas enquanto acções de carácter interventivo que visam a *Promoção da participação comunitária e a melhoria das competências pessoais e sociais* e que têm como “destinatários” a população das comunidades rurais. Estas *Acções Não Formativas* consubstanciam-se em:

- *sensibilização, informação, divulgação e promoção do projecto;*
- *desenvolvimento de práticas de diagnóstico, planificação e avaliação;*
- *criação de espaços de reflexão permanente entre animadores, técnicos e membros das instituições implicadas no projecto;*
- *criação e animação de um taleigo de saberes comunitário;*
- *sessões de sensibilização/informação a famílias, idosos e grupos em risco;*
- *apoio domiciliário a famílias de crianças em risco.*

É no âmbito destas acções – sobretudo das quatro primeiras – que se consegue antever a articulação com os princípios ideológicos em que se inscreve o ICE no que ao desenvolvimento local diz respeito, nomeadamente, a participação e a valorização dos recursos sociais e culturais endógenos. Há uma clara preocupação em envolver os actores locais no desenvolvimento do projecto, desde o seu início e de uma forma contínua, no pressuposto de que a intervenção será tanto mais eficaz quanto mais partilhada for pelos actores locais, por aqueles que, no local, identificam os seus problemas e que são

capazes de construir as suas soluções. Fica então aqui evidenciado o carácter educativo destas *Acções Não Formativas*: através da implicação dos actores locais, a intervenção constitui-se enquanto processo de conhecimento dos sujeitos sobre a sua comunidade e sobre modos de acção e transformação social.

Outra característica presente na concepção deste projecto, e que não se dissocia completamente da anterior, é a noção de que a construção de soluções deverão ser alicerçadas nos recursos existentes. Esta visão do local enquanto recurso e não enquanto problema, presente quer na fundamentação do projecto, quer nas estratégias de acção concebidas, é imprescindível para combater as imagens deficitárias e negativas dos territórios e dos que os habitam e assim contrariar a noção de “território deprimido” que nos últimos tempos tem vindo a ser usada para designar regiões do interior desertificadas e com problemas estruturais. Esta visão alia a noção de desenvolvimento à noção assistencialista em que o que conta é a quantidade de recursos, nomeadamente financeiros. Não obstante, o assistencialismo não deixa de estar presente na concepção do projecto: é que se, por um lado, é afirmada e reafirmada a importância de um trabalho endógeno que potencie os recursos existentes, nomeadamente, as pessoas enquanto recurso mais importante de uma região, por outro lado, são também apontadas as carências existentes, num lógica deficitária, que poderá ser colmatada através da intervenção, nomeadamente, com “grupos de risco”. No entanto, esta constatação não pode ser interpretada fora do quadro em que a concepção deste projecto se insere. De facto, o Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” ao candidatar-se a financiamentos externos (neste caso o Eixo 5 – Promoção e Desenvolvimento Social, do Programa Operacional de Emprego, Formação e Desenvolvimento Social) tem que se submeter às lógicas internas deste. E, por definição, este tipo de programas destina-se a apoiar financeiramente populações, territórios, áreas onde são diagnosticados problemas. É deste modo que, na construção do Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo”, se encontram referências

aos défices do território, de forma a responder à formatação presente no Programa.

As Acções Formativas

No que diz respeito às *Acções Formativas*, e tal como já referimos, elas concretizaram-se em torno de duas acções: uma direccionada para os técnicos do ICE e das instituições parceiras do projecto e uma outra de formação de técnicos de desenvolvimento que viriam a operacionalizar o projecto no terreno. Aqui reside, na nossa perspectiva, uma das características mais interessantes da perspectiva de formação concebida neste projecto: a ideia de que, para além da formação inicial de técnicos que intervêm na comunidade, é necessário que todos os técnicos envolvidos, incluindo os que desenvolvem a sua actividade nas instituições que integram o projecto – ICE e instituições parceiras –, reflectam sobre as suas práticas e sobre a acção desenvolvida.

Assim, no âmbito da Formação e Qualificação para Agentes de Desenvolvimento foram realizadas sessões mensais sob a forma de seminário onde se trabalharam os temas “TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação”, “Sensibilização Ambiental”, “Desenvolvimento Integrado” e “Igualdade de Oportunidades”. É de salientar que os conteúdos descritos no âmbito de cada tema apontam para uma ligação com o contexto real em que os técnicos se inserem para que tenha “uma forte incidência no valor da experiência e na perspectiva do seu questionamento, tendo em vista fazer de cada técnico um analista simbólico” (In Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” – Memória Descritiva). Através deste modo de estruturar e trabalhar os conteúdos (fortemente articulado com as situações de trabalho) e também do formato que as sessões assumiram, a formação propiciada pelo Projecto, ao apelar para a estruturação das práticas formativas centradas na organização dos contextos de trabalho (Correia, 1992), reconhece e valoriza as valências investigativas das práticas de formação.

Uma outra acção de formação foi concebida para animadores/mediadores comunitários. Para esta acção foram seleccionados 12 formandos que deveriam, à partida, reunir os seguintes requisitos:

- pertencerem à idade activa;
- estarem desempregados ou serem jovens à procura do 1^o emprego;
- possuírem a escolaridade mínima obrigatória;
- residirem no Concelho e estarem disponíveis para exercer a sua actividade em comunidades rurais.

A selecção foi feita através de entrevista não-directiva considerando:

1. a manifestação de interesse por parte do candidato em participar na acção;
2. a análise das motivações para a inscrição na pré-formação com base: na visão de futuro que têm das suas comunidades; na leitura que fazem das causas que levam às várias formas de exclusão; no posicionamento face às conflitualidades existentes na comunidade; no inconformismo que revelam face às situações críticas com que se confrontam.

Deste modo de recrutamento e selecção dos formandos gostaríamos de salientar, sobretudo, duas questões:

- a preocupação em trabalhar com pessoas residentes no Concelho, o que é coerente com a ideia afirmada, e já referida neste relatório, de mobilizar, dentro de uma lógica de desenvolvimento endógeno, aqueles que são os recursos mais importante de uma região: as pessoas;

- o relevo dado ao posicionamento dos candidatos face a questões de desenvolvimento local. Esse aspecto, posto em evidência nos critérios de selecção dos formandos, permite desenvolver a formação tendo em consideração aquilo que são as experiências, saberes, representações e subjectividades dos sujeitos em formação.

Isto mesmo encontra reflexo na estrutura do curso de formação, tanto no que diz respeito ao módulo de pré-formação/sensibilização, como no refere à formação de animadores. Da análise efectuada ao plano de formação proposto é possível perceber que na sua estruturação estiveram presentes os princípios que, tal como nos diz Nóvoa *et al* (1992), são imprescindíveis ter em conta quando falamos em formação para o desenvolvimento: conceber a formação “como um processo, ou seja, um percurso estruturado de transformação dos formandos relativamente aos conhecimentos (saber), às capacidades (saber-fazer) e às atitudes (saber-ser) (...); como um processo no qual as vivências dos formandos e dos actores locais constituem o ponto de partida e o «material» da acção pedagógica (...); como um processo interactivo e participado, que passa por um empenhamento de todos os intervenientes (...); como um processo de transmissão de conhecimento, mas também – e sobretudo – como um processo de acompanhamento dos formandos no sentido de desenvolver as suas capacidades de elaboração e de realização de projectos ao serviço das comunidades locais (...); como um processo aberto em relação ao meio, privilegiando a intervenção e a confrontação com os actores locais.” (: 33-37).

Estas características encontram expressão no Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” não só ao nível da estruturação dos conteúdos da acção de formação mas também na estruturação dos tempos e locais da formação, ao contemplar formação em sala, em contexto de trabalho, avaliação/reflexão das actividades decorridas e planificação.

ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJECTO “PRÓ-LOCAL – FORMAR DESENVOLVENDO”

A forma como o Projecto foi implementado é analisada a partir de duas linhas de força principais: a concepção de desenvolvimento endógeno subjacente à concepção e ao desenvolvimento do projecto, relevada, sobretudo, a partir da análise dos relatórios das reuniões com parceiros, proporcionando uma reflexão sobre a intervenção feita sob a forma de acções não formativas e os modos como essa intervenção interpreta e interpela as questões das tradições, dos saberes locais, das parcerias. A outra linha de força que nos permitiu problematizar o Projecto e os seus modos de implementação, consiste na perspectivação do desenvolvimento local enquanto campo de práticas de educação de adultos. Assim, a análise dos relatórios das reuniões com os formadores, e os das práticas em contexto de trabalho, permite-nos equacionar as dinâmicas da formatividade presentes no plano de formação inerente à componente propriamente formativa do Projecto.

Desenvolvimento endógeno e estabelecimento de parcerias locais

Um dos aspectos que, do nosso ponto de vista, é mais interessante no Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” consiste na forma como foi concebido, ou seja, contemplando, através do estabelecimento de parcerias, uma íntima e intensa articulação com instituições e com pessoas no sentido de conceberem acções desenvolvidas conjuntamente e capazes de contribuir para o cumprimento dos objectivos gerais traçados. Esta aposta forte no estabelecimento de parcerias vem na sequência de uma das principais reflexões que vem sendo realizada no seio do ICE e que corresponde a uma

lógica de produção do local articulada com “lógicas associadas à noção de desenvolvimento integrado, assentes na recriação da relação social, na articulação das diferentes dimensões do social e numa redefinição dos próprios problemas sociais” (Correia e Caramelo, 2003: 168).

Na estratégia de desenvolvimento do Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo”, afirma-se como sendo uma “necessidade chave” a “construção das condições de desenvolvimento de dinâmicas de *empowerment*, isto é, de afirmação de um poder de produção de soluções (...) necessidade de criação/recriação de redes locais solidárias dotadas de capacidade de produção de alternativas” (*In* Fundamentação do Projecto). Esta “necessidade chave”, do ponto de vista da metodologia de intervenção proposta consubstancia-se num tipo de intervenção assumida como um processo de desenvolvimento capaz de criar e de reforçar solidariedades entre locais, e de reprojectar o local para criar alternativas à sua crise, bem como promover a qualificação dos sujeitos individuais e colectivos que possam dar vida a esse processo (*ibidem*). Deste modo, podemos afirmar que, se efectivamente, a caracterização do contexto de implementação e desenvolvimento do Projecto acentua a identificação e enumeração das diversas carências que afectam os locais e a respectiva população (cf. Fundamentação do Projecto e pág. 6 deste Relatório), a enunciação dos seus objectivos não deixa de dar conta de um certo optimismo e de confiança na forma como perspectiva a intervenção formativa, isto é, apostando em estratégias que contribuam para recriar “a vontade de futuro”, ou seja, alternativas que combatam a visão negativa e derrotista sobre os recursos existentes nas freguesias abrangidas pelo Projecto.

É visível, na forma como o Projecto está concebido, uma identificação com a definição dos modos de intervenção do ICE que “aposta na qualificação do ter, do ser e do querer das pessoas. Isto é, *no que as pessoas têm*: nos seus saberes, na sua experiência; *no que elas são*: nos seus valores, na sua cultura; e *no que elas querem*: nas suas expectativas, nos seus desejos. Não

no que *não há* das pessoas, não no que elas *não são*, não no que elas *não querem*.” (D’Espiney, 2004: 67). Subjacente à intervenção educativa do ICE está, assim, a *pedagogia do superavit*, por contraponto à *pedagogia do déficit* (*ibidem*). O Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” é, então, subsidiário desta forma de pensar a articulação entre a intervenção educativa e o desenvolvimento local, afirmando, assim, como sendo seu princípio orientador, “realizar projectos com as pessoas e não para as pessoas”. Realce-se, neste contexto, a existência da Acção Tipo 5.1.2.1. – Promoção da participação e da Acção Comunitária que prevê, entre outras, a “Criação de espaços de reflexão permanente entre técnicos e membros das instituições implicadas no projecto”, em que um dos seus objectivos específicos estabelece a necessidade de “alargar e aprofundar a rede de parcerias, fomentando a cooperação entre entidades públicas e privadas ao nível local”. A nossa análise, procura, assim, estabelecer um confronto entre, por um lado, esta enunciação discursiva das intenções do projecto e, por outro lado, as práticas de intervenção (assentes em acções formativas e não formativas) promovidas, no que ao aprofundamento da rede de parcerias diz respeito. Para tal, recorreremos aos relatos produzidos a partir das reuniões decorridas entre membros do ICE e os diversos representantes das parcerias do Projecto.

A acção mais especificamente vocacionada para a prossecução do objectivo do alargamento e aprofundamento da rede de parcerias é a designada por “Criação de espaços de reflexão permanente entre técnicos e membros das instituições implicadas no Projecto”, para a qual se estipulava a ocorrência de 23 de realizações mas que acabou por ter mais, já que nos foi possível analisar um total de 26 relatórios. Esta acção desenvolveu-se no decurso de um ano (entre Abril de 2003 e Abril de 2004) com uma periodicidade algo irregular, já que mais dependente das necessidades de agenda, do que da marcação da passagem do tempo cronológico. Assim, as primeiras reuniões realizadas e que ocorreram entre 15 de Abril e 20 de Maio de 2003, destinaram-se a apresentar o Projecto “Pró Local – Formar

Desenvolvendo” aos diversos parceiros, de acordo com a descrição presente no sumário de cada relatório. Todas estas reuniões contaram com a presença de elementos do ICE e de representantes das diversas instituições parceiras, bem como de parceiros individualmente considerados:

- Juntas de Freguesia:
 - Aldeia de Santo André
 - Cercal
 - Santa Cruz
 - S. Bartolomeu da Serra
- Câmara de Santiago do Cacém
- Escolas:
 - 1º CEB Santo André
 - 1º CEB nº 4 de Santo André
 - 1º CEB S. Bartolomeu da Serra
- Associações:
 - Bem Estar Social de Santa Cruz
 - Recreativa 3 de Maio
 - Bem Estar Social Freguesia de Santa Cruz
 - Associações de pais da EB nº2
 - Associações de pais da EB Santa Cruz
 - Associações de pais da ES Padre António Macedo
 - Associações de Moradores da Aldeia de Santo André
 - Associações de Moradores de Ademas
 - Associações de Moradores da Aldeia dos Chãos
 - Associações de Moradores de S. Bartolomeu da Serra
 - Associações de Moradores da Zona de Brescos
- Centros de Dia:
 - S. Francisco da Serra
 - Casa do povo do Cercal
- ATL:
 - S. Francisco da Serra
 - Ademas
- Casa do povo do Cercal
- Grupo Desportivo de Santa Cruz
- Comissão de festas de Santo André
- Instituto para a Conservação da Natureza
- Bombeiros Voluntários de Santo André

- Guarda Nacional Republicana
- Kotas Bike Team
- Petrocoop
- Instituto do Emprego e Formação Profissional
- Habitantes das aldeias:
 - Santo André
 - S. Francisco da Serra
 - S. Bartolomeu da Serra
 - Santa Cruz
 - Brescos
 - Sonega

Nem todos estes parceiros assumiram o mesmo tipo de papel no desenvolvimento do projecto, não havendo, ao longo dos diversos relatórios ou de outro documento produzido no âmbito do Projecto, qualquer tipo de reflexão nem de menção relativa ao facto de alguns dos designados parceiros terem tido uma efémera passagem pelo projecto. Exceptua-se a realização de uma reunião decorrida entre membros do ICE, na Sede do ICE, em Setúbal, em que foi realizada uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido nas freguesias de Santiago do Cacém e sobre novas estratégias de intervenção a desenvolver.

Realce-se, como estratégia de criação e de consolidação de parcerias, a apresentação do Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” aos diversos representantes de instituições locais de relevo, procurando realçar algumas especificidades da sua organização e necessidades de criação dessas mesmas parcerias. Considerando que “qualquer projecto que procure desenvolver-se à revelia daqueles a quem diz respeito, transforma-se rapidamente numa imposição, solidificando a acção do grupo em actividades alienantes ou sendo objecto de recusa ou indiferença.” (Pacheco e Terrasêca, 2004: 256), o modo como são estabelecidas e mantidas as parcerias tem de ser objecto de uma constante vigilância, que passa pela intensa negociação entre parceiros, activando a comunicação entre eles, promovendo a democracia participativa, sob pena de se passar do registo comunicacional da

parceria para o registo contratualizado do partenariado: “as práticas e os dispositivos que hoje se reclamam da mediação social e do desenvolvimento local apoiam-se numa semântica do partenariado onde se enfatiza sobretudo uma contratualização social que se confunde com a coordenação interinstitucional assente numa racionalidade instrumental que faz depender a sobrevivência das estruturas associativas da sua subordinação a esta racionalidade.” (Correia e Caramelo 2004: 182).

O estabelecimento de parcerias ou, como os conceptores do Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” afirmam insistentemente, o fortalecimento das parcerias existentes, é uma das apostas mais fortes do Projecto, já que surge como fundamento a três dos sete objectivos específicos enunciados. De destacar que é na enunciação destes objectivos (que decorrem, evidentemente dos dois objectivos gerais), que se evidencia a recusa de uma perspectivação negativa e carencialista do local e, em alternativa, “uma concepção de acção social e política preocupados com uma reabilitação do «local» e do «comunitário» que permita conferir centralidade às periferias” (*ibidem*). É assim que se compreende a atenção centrada na participação, através da realização de inúmeras reuniões, de parceiros tão diversificados, contemplando faixas de população bastante distintas.

As primeiras reuniões realizadas destinaram-se a apresentar o Projecto aos parceiros presentes, procurando criar equipas de trabalho para integração dos/as formandos/as da acção de formação de Animadores/Mediadores Comunitários e constituir projectos de desenvolvimento local, por aldeia e/ou freguesia. A apresentação do Projecto é feita a partir da indicação do tipo de acções a desenvolver, dos objectivos que se pretendia alcançar com as acções propostas, bem como da caracterização dos formandos e modos de selecção a accionar. No decurso destas reuniões, procede-se ao “levantamento de lista de problemas existentes” na zona onde decorre a reunião. Entre as “propostas de ideias e sugestões” também inventariadas, realçamos a realização de reuniões para a promoção da articulação institucional, pelo potencial que contém no

sentido do estabelecimento de articulações entre as diversas instituições no terreno. Outra proposta de realçar consiste na “dinamização de associações locais, através da equipa de formandos do Curso de Animadores/Mediadores Comunitários, integrado no Projecto “Pró-local – Formar desenvolvendo”. Esta última sugestão é, de facto, concretizada, tal como o testemunham diversos relatórios de encontros entre parceiros que dão conta quer da presença, nas reuniões, de formandas da acção de formação, quer quando se dá conta de iniciativas desencadeadas pelas formandas na animação de diversos espaços-tempos de intervenção local. Ao longo das diversas reuniões, resulta um relativo equilíbrio entre, por um lado, o habitual exercício de levantamento de questões e de problemas e o avançar com propostas de acção e estratégias de intervenção que vão desde actividades de recolha de informações, de promoção da articulação inter-institucional, de promoção da relação e comunicação inter-geracional, de promoção da cultura tradicional local e actividades de recreio. Esta classificação, cujo fim principal consiste em realçar a diversidade de iniciativas visadas pela intervenção do Projecto, como quase todas as classificações, peca por separar algumas actividades que são abrangentes, devendo ser categorizáveis em mais do que uma categoria. Assim, e a título meramente indicativo, no âmbito do Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo”, surgem as seguintes propostas de realização de actividades:

TIPO DE ACTIVIDADE	EXEMPLIFICAÇÃO
Recolha de informações	levantamento das necessidades pontuais de freguesia e um levantamento dos dados estatísticos da população (mini-census local); levantamento dos conhecimentos artísticos de cada pessoa da aldeia; recolha itinerante de peças de artesanato ilustrando as actividades económicas, gastronómicas, da comunidade
Promoção da articulação inter-institucional	elaboração, pelas técnicas do ATL e do Centro de DIA, de um plano de trabalho que possa integrar os formandos nas actividades dos centros, para que o plano seja confrontado posteriormente, com as nossas propostas; disponibilização de salas, pelas diferentes entidades (Juntas de Freguesia, Casas do povo, Associações...) para a realização de actividades diversas

Promoção da relação e comunicação inter-geracional	o ICE sugere que os idosos do Centro de Dia das Ademas participassem no projecto da Quinta da Educação e Ambiente, partilhando saberes e experiências com as crianças vindas de centros urbanos; criar atelier de trabalho, na associação para os idosos e para as crianças; decoreação das ruas com flores feitas pelas crianças e exploração de jogos tradicionais (actividades que a Associação quer dinamizar, até com os formandos)
Promoção da cultura tradicional local	trabalhar o “Taleigo de saberes”; recolha da poesia popular dos poetas de Sta Cruz; exposição o vonda com as rendas , jogos tradicionais e todos os trabalhos realizados pelos idosos
Entretenimento	Depois filmar e divulgar a recolha junto dos idosos em sessões animadas por peças de teatro, actuações do grupo de dança de Valsa Mandada; realização de um Encontro de Poetas Populares e organização de Cantos Alentejanos ao despique; Celebração comunitária de Magusto na Associação de Moradores; tardes de convívio comunitário na Associação: visionamento de filmes clássicos portugueses e troca de serviços/saberes no âmbito da iniciativa “Taleigo dos Saberes”.

A efectiva realização destas actividades (entre outras designadas nos Relatórios das Reuniões com Parceiros) atestam a vitalidade do Projecto, ainda que nos pareça sensato salientar que alguns riscos se correm, se a lógica comunicacional e interpelativa não for continuamente alimentada e suscitada. Um dos aspectos que queremos realçar reside no facto de os projectos de desenvolvimento local se pensarem como contributos para a recriação das comunidades, necessitando, para tal, de contribuir para o estabelecimento de redes de relações densas que são qualificantes tanto dos indivíduos como das comunidades. Deste modo, o trabalho de desenvolvimento comunitário deve investir na criação de dispositivos cujos destinatários já não são os indivíduos mas a comunidade/projecto – associativismo (Correia e Caramelo, 1998). No que respeita às actividades de recuperação/revalorização das tradições, é imperativo sublinhar que se está no gume da espada entre, por um lado, uma visão deficitária da tradição, levando quer à sua negação, quer à sua folclorização e, por outro lado, uma articulação original entre tradição e modernidade, encarando-as “como complementaridades contraditórias que inibam a cristalização de dualismos sociais e educativos e permitam a recriação de cidadanias periféricas” (Correia e Caramelo: 1998).

Na forma de pensar as articulações entre desenvolvimento local e a formação e educação, parece notória a capacidade do Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” de envolver os diversos parceiros em lógicas de intervenção implicada e activa, ainda que algumas das iniciativas possam vir a correr o risco de se tornarem em visões estereotipadas e cristalizadas de um local do passado, de um não-território onde dificilmente se podem criar e/ou afirmar espaços cívicos comuns onde se possa afirmar “uma certa convergência para um conteúdo, a partilha de finalidades, o envolvimento em projectos colectivos, a convivência em espaços culturais plurais...” (Pacheco e Terrasêca, 2004: 241)

Desenvolvimento local como campo de práticas de educação de adultos

A estratégia de intervenção e desenvolvimento local produzida pelo Projecto “Pró Local – Formar Desenvolvendo” cumpriu a noção de globalidade da acção educativa que se antevia na concepção do projecto, na medida em que a formação se fundiu com os processos de desenvolvimento local. De facto, e apesar de – como já referimos – haver uma distinção formal entre acções não formativas e acções formativas, a visão integral e coerente da intervenção esteve presente no desenvolvimento do Projecto até pela própria metodologia de acção: as acções denominadas não formativas foram, todas elas, desenvolvidas através da dinamização de projectos de intervenção pelos formandos das acções formativas, o que contribuiu também para atribuir sentido à formação através da sua constante (re)contextualização no local.

Isto mesmo foi permitido, sobretudo, pela organização do processo de formação numa lógica de alternância entre a formação teórica e metodológica e a intervenção no terreno, aqui denominadas de “práticas em contexto de trabalho”. Pelo facto de esta alternância não se ter constituído numa mera

justaposição de formação teórica e de formação prática, mas sim num processo de interacção foi possível que a formação fosse direccionada para o conhecimento do meio e para a resolução dos problemas da comunidade.

É também de realçar o facto de, ao longo do processo de formação, se ter desenvolvido uma reflexão sobre as práticas desenvolvidas de modo a permitir uma “conceptualização das experiências particulares através do confronto com as realidades do meio” (Nóvoa *et al*, 1992: 34). Este constante vai e vem estabelecido entre os saberes teóricos, os saberes práticos, as experiências e representações dos formandos está bem patente no relatórios mensais das práticas em contexto de trabalho.

Nestes relatórios, para além das actividades desenvolvidas por cada grupo de formandos no seu contexto de intervenção, é-nos permitido perceber as dinâmicas subjacentes a este processo. Está bem patente, nestes relatórios, a adequação entre a prática formativa e as características, já por nós enunciadas, que devem estar presentes em processos de formação de adultos que se articulam com processos de desenvolvimento local.

A formação desenvolvida, e em especial os momentos de reflexão/balanço e auto-avaliação que ela comportou, permitiu que houvesse real comprometimento dos sujeitos com e na formação através do seu envolvimento na organização, planificação e calendarização das actividades. É também notório que este foi um processo contínuo, que não se resumiu ao início das actividades, mas que acompanhou todo o processo através do despoletar de momentos de organização e coordenação, transversais aos diferentes grupos de intervenção, nos diferentes momentos temporais da formação, que permitiram também, constantemente, organizar o trabalho seguinte.

O confronto entre a teoria e a prática nestes momentos de reflexão permitiu também (re)equacionar conceitos abordados teoricamente, a partir de representações dos formandos, e que permitiram, assim, pensar articuladamente conhecimentos, capacidades e atitudes. Como aspecto muito

interessante gostaríamos aqui de relevar o processo de construção do perfil de animador, construído e reconstruído a partir de conhecimentos teóricos, representações pessoais e análise das intervenções efectuadas. Este é um exemplo, de entre outros, em que as subjectividades foram parte integrante dos processo de formação, entendido enquanto processo de transformação e não apenas como transmissão de conhecimentos.

No entanto, há um aspecto que nos parece como menos bem conseguido em todo este processo: se, ao nível do discurso, há uma preocupação com a realização de projectos portadores de sentido para a comunidade, através do desenvolvimento de processos abertos ao meio e aos actores locais, as reflexões presentes nos relatórios levam-nos a questionar a consecução de tal objectivo. Em alguns momentos reflecte-se a pouca adesão da população, as dificuldades encontradas e quais as tácticas que poderão ser seguidas de forma a conseguir a adesão desejada ao que está previsto. Ora parece-nos que não é aqui rentabilizado um aspecto importante para a formação de animadores/mediadores comunitários: a necessidade de reorientar a acção. Mais do que ultrapassar as dificuldades encontradas através da mudança de *táctica* teria sido mais interessante e formativo a alteração da *estratégia* de intervenção, que teria que passar, necessariamente, pelo questionamento do *sentido* da acção.

PONTOS FRACOS E FORTES DO PROJECTO “PRÓ-LOCAL – FORMAR DESENVOLVENDO”

Como síntese do trabalho realizado, parece-nos pertinente e útil apontarmos uma série de aspectos que identificamos enquanto «pontos fracos» a merecerem uma atenção especial da equipa do Projecto, no sentido de evitar as suas possíveis influências perversas, acautelar consequências nefastas, ou mesmo inibir os efeitos negativos e, também, uma lista de «pontos fortes» do projecto, nos quais interessará investir e que importará aprofundar e/ou consolidar.

PONTOS FRACOS

- Caracterização da região apresentando características de um mundo rural em crise, desertificado e em acentuada desestruturação.
- Relativa submissão às lógicas internas do Programa Operacional de Emprego, Formação e Desenvolvimento Social, designadamente no que se refere à caracterização da região, a qual não se coaduna com os princípios defendidos no que respeita às características da intervenção.
- Alguns dos designados parceiros tiveram uma efémera passagem pelo projecto.
- O desenvolvimento de actividades de recuperação/revalorização das tradições corre o risco de apresentar uma visão deficitária da tradição, levando quer à sua negação, quer à sua folclorização, em vez de uma desejável articulação original entre tradição e modernidade.

- Algumas das iniciativas pensadas no sentido de promoverem a articulação entre desenvolvimento local e formação podem correr o risco de se tornarem em visões estereotipadas e cristalizadas de um local do passado, de um não-território onde dificilmente se possam criar e/ou afirmar espaços cívicos comuns.
- Perante algumas dificuldades em garantir e manter a adesão da população, não é rentabilizado um aspecto importante para a formação de animadores/mediadores comunitários: a necessidade de reorientar a acção, isto é, de alterar a *estratégia* de intervenção, que teria que passar, necessariamente, pelo questionamento do *sentido* da acção.

PONTOS FORTES:

- Clara intenção de promover o envolvimento de agentes diversos, de alicerçar parcerias, de articular a sua intervenção com a de outros projectos já desenvolvidos ou em desenvolvimento na mesma região.
- A articulação com outros projectos de desenvolvimento é um importante contributo para a recriação das comunidades locais, para além de proporcionar as condições para uma intervenção multidimensional.
- Promoção da participação das pessoas no processo de desenvolvimento da sua própria comunidade.
- Promoção da articulação entre educação e desenvolvimento local, no pressuposto de que entre uma e outro não existe uma relação de causalidade linear em que a qualificação de recursos humanos bastaria para desencadear processos de desenvolvimento.

- Defesa de uma pedagogia do superavit por contraponto à do deficit, promovendo a construção de soluções alicerçando-as nos recursos existentes.
- Envolvimento de actores locais no desenvolvimento do projecto, desde o seu início e de uma forma contínua, sendo também um processo de conhecimento dos sujeitos sobre a sua comunidade e sobre modos de acção e transformação social.
- Trabalhar com pessoas residentes no Concelho, mobilizando, dentro de uma lógica de desenvolvimento endógeno, aqueles que são os recursos mais importante de uma região: as pessoas.
- Selecção dos/as formandos/as a partir do seu posicionamento face a questões de desenvolvimento local, permitindo, assim, desenvolver a formação tendo em consideração aquilo que são as experiências, saberes, representações e subjectividades dos sujeitos em formação.
- A formação contemplar formação em sala, em contexto de trabalho, avaliação/reflexão das actividades decorridas e planificação.
- Estabelecimento de parcerias quer com instituições quer com pessoas particulares (habitantes das aldeias), procurando criar redes locais solidárias dotadas de capacidade de produção de alternativas.
- Articulação densa e intensa entre as acções formativas e a dinamização de associações locais, através da equipa de formandos do Curso de Animadores/Mediadores Comunitários, integrado no Projecto “Pró-local – Formar desenvolvendo”.
- A adopção de uma estratégia de intervenção e desenvolvimento local cumprindo a noção de globalidade da acção educativa, na medida em que a formação se fundiu com os processos de desenvolvimento local.

- A organização do processo de formação numa lógica de alternância entre a formação teórica e metodológica e a intervenção no terreno, sob a forma de “práticas em contexto de trabalho”.
- A promoção de uma reflexão sobre as práticas desenvolvidas num constante vai e vem entre os saberes teóricos, os saberes práticos, as experiências e representações dos formandos.
- A formação desenvolvida, e em especial os momentos de reflexão/balanço e auto-avaliação que ela comportou, permitiu que houvesse real comprometimento dos sujeitos com e na formação através do seu envolvimento na organização, planificação e calendarização das actividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANÁRIO, Rui (1999) *Educação de Adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- CORREIA, José Alberto e CAMELO, João (2003) “Da Mediação Local ao Local da Mediação: figuras e políticas”. *Educação, Sociedade & Culturas*, nº22, pp. 167-191.
- CORREIA, José Alberto (1992). Dispositivos e disposições na formação de adultos: a dinâmica da formatividade. Comunicação ao 2º Congresso da SPCE. Documento Policopiado.
- CORREIA, José Alberto; CAMELO, João (1998). Linhas gerais para uma reflexão em torno da problemática das relações entre educação e desenvolvimento local. Documento Policopiado.
- CORREIA, José Alberto; CAMELO, João (2004). Políticas e figuras do local: Contributos para a construção de um cosmopolitismo comunitário. In CORREIA, José Alberto; D’Espiney, Rui (org.). *Inovação, Cidadania e Desenvolvimento Local Setúbal: Cadernos ICE*, Instituto das Comunidades Educativas, pp. 31-44.
- D’ESPINEY, Rui (2004). Perspectivas de uma intervenção em meio rural – estratégias, intencionalidades e pressupostos. In CORREIA, José Alberto; D’Espiney, Rui (org.). *Inovação, Cidadania e Desenvolvimento Local Setúbal: Cadernos ICE*, Instituto das Comunidades Educativas, pp. 59-83.
- JOBERT, Guy (1987). Une nouvelle professionnalité pour les formateurs d’adultes. In *Éducation Permanente*, nº 87 pgs. 19-33.
- NÓVOA, António; CASTRO-ALMEIDA, Carlos; LE BOTERF, Guy; AZEVEDO, Rui (1992) *Formação para o desenvolvimento – uma experiência participada de formação de agentes de desenvolvimento (Programa JADE)*. Lisboa: Fim de Século.
- PACHECO, Natércia e TERRASÊCA, Manuela (2003) “De Vinhais a Outurela: «o que é esperança num começo faz-se pegada no caminho»”. *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 22, pp. 193-195 e 240-267.